

DIXA (DIXELLA) PAULISTANA, n. sp.^o

J. LANE.*
O. P. FORATTINI**
E. X. RABELLO***

Alguns meses atrás iniciamos pesquisas de Dipteros Nematóceros com fases evolutivas aquáticas, a fim de melhor aquilatarmos a fauna dos arredores da Capital de São Paulo pois, apesar dessa região ter sido pesquisada por vários entomologistas, achamos que ainda existe material interessante e mesmo novo a ser encontrado.

Tal pesquisa não nos desapontou, pois resultou nesta nota que é a primeira de algumas que publicaremos sobre tão interessante assunto.

As ilustrações deste trabalho foram feitas pelo Sr. E. B. Ferraz.

Dixa (Dixella) paulistana, n. sp.

MACHO

Cabeça — Palpo enegrecido. Partes bucais bastante curtas e enegrecidas. Clípeo tão longo quanto largo, castanho escuro. Fronte enegrecida. Antena com escapo bastante desenvolvido e mais largo que o tóro; flagelo aproximadamente três vezes o comprimento do mesonoto, filiforme, revestido de esparsa e curta pilosidade; segmento flagelar 1, cilíndrico, alongado; 2 cilíndrico e cerca da metade do comprimento de 1; demais segmentos do comprimento de 2, os apicais mais adelgaçados. Occipício enegrecido brilhante.

Tórax — Lobo pronotal sublateral, enegrecido brilhante. Mesonoto com fundo castanho amarelado e ornamentado de três grandes manchas; a mediana anterior, dividida em dois pontos laterais negros sendo o centro castanho escuro, nos lados existem também marcações mais escuras; a mancha mediana vai da porção anterior até o meio do disco; manchas laterais

Recebido para publicação em 3-1-1955.

^o Trabalho realizado na Cadeira de Parasitologia Aplicada e Higiene Rural (Prof. Paulo Cesar de Azevedo Antunes) da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

* Professor adjunto e assistente da Cadeira.

** Livre docente e assistente da Cadeira.

*** Biologista do Departamento de Produção Animal da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (Divisão de Fomento da Produção Animal).

ovaladas, alongadas e do meio do disco vão até a região prescutelar e são de coloração negro aveludada; cerdas acrosticais e dorsocentrais diminutas e amareladas. Escutelo com fundo enegrecido, a pilosidade marginal dificilmente visível. Pleura de fundo amarelado e com larga faixa transversal castanha que, da propleura, vai até a porção posterior.

Asa (fig. 1) — Hialina salvo pequena e muito discreta mancha diluída na porção mediana. As nervuras dispostas como na figura. Haltere com haste clara mas a porção superior bem como o capítulo são enegrecidas.

Pernas — Coxas amareladas. Trocanteres castanhos. Fêmures, tíbias e tarsos castanhos, os fêmures e tíbias medianos e posteriores enegrecidos no ápice. Garras tarsais longas e pectinadas.

Abdômen — Tergitos negros foscos. Eternitos de coloração amarelo sujo.

Genitália (fig. 2) — Basistilo mais largo que alto, superiormente revestido de cerdas longas; lobo apical com quase o dobro do comprimento do basistilo, inerme, a porção distal formando um ângulo como se vê na figura e terminada em ponta. Dististilo com a base alargada e revestida de cerdas e espiculas, a porção distal inerme e apenas com algumas cerdas. Mesósoma formado por uma estrutura delgada, pouco esclerotizada no meio, alargada antes da base e com os bordos munidos de serrilhação bastante grosseira. Décimo esternito com base grossa, o ápice expandido, arredondado e menos esclerotizado. Nono tergito com os lobos rasos, largos e revestidos de curta pilosidade.

FÊME A

Semelhante ao macho. Antena aparentemente um pouco mais curta. Garras tarsais inermes. Cercas muito reduzidas.

Pupa — Tuba uniforme, cilíndrica, amarelada, revestida de um retículo regular, aproximadamente duas e meia vezes a maior largura. Cefalotórax com a porção dorsal ornamentada de manchas enegrecidas e com um retículo irregular de pontinhos enegrecidos; aparentemente sem cerdas.

Abdômen (fig. 3) — Com marcações mais enegrecidas nos lados, as cerdas muito pequenas e implantadas em pontos mais largos. Palheta amarelada, duas vezes o comprimento do último segmento abdominal, serrilhada internamente e terminada em ponta aguda e enegrecida.

Larva — Cabeça globosa, o tegumento escurecido, as cerdas simples e finas. Antena mais curta que o comprimento da cabeça, robusta, ligeira-

mente curva com espinhos, terminando de maneira truncada e possuindo uma cerda na porção mediana. Palpo maxilar de aspecto semelhante ao da antena, porém mais curto. Escovas desenvolvidas.

Tórax — Revestido de espiculosidade. Fórmula protorácica 1-4-1-1-1-1. Cerda n. 7 rudimentar. Mesotórax com um par de cerdas longas. Metatórax com um par de cerdas finas.

Abdômen espiculoso, segmentos I e II com pares de pseudópodos como em *D. wygodzinskyi* Lane, 1945. Segmento V com um par de placas esclerotizadas mas aparentemente formado por 11 garras. Cerdosidade abdominal formada por cerdas simples. Segmentos terminais como na figura 4.

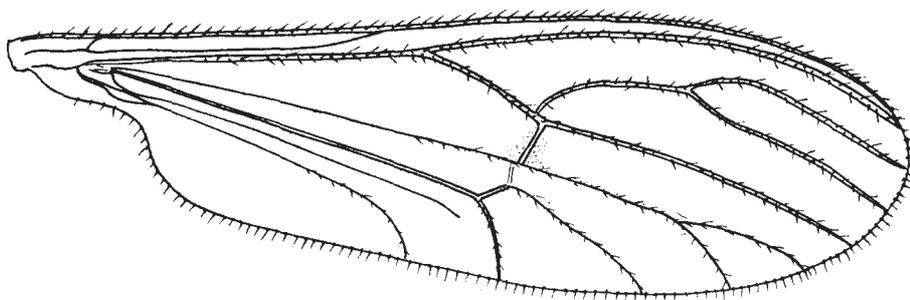


Fig. 1 — Asa.

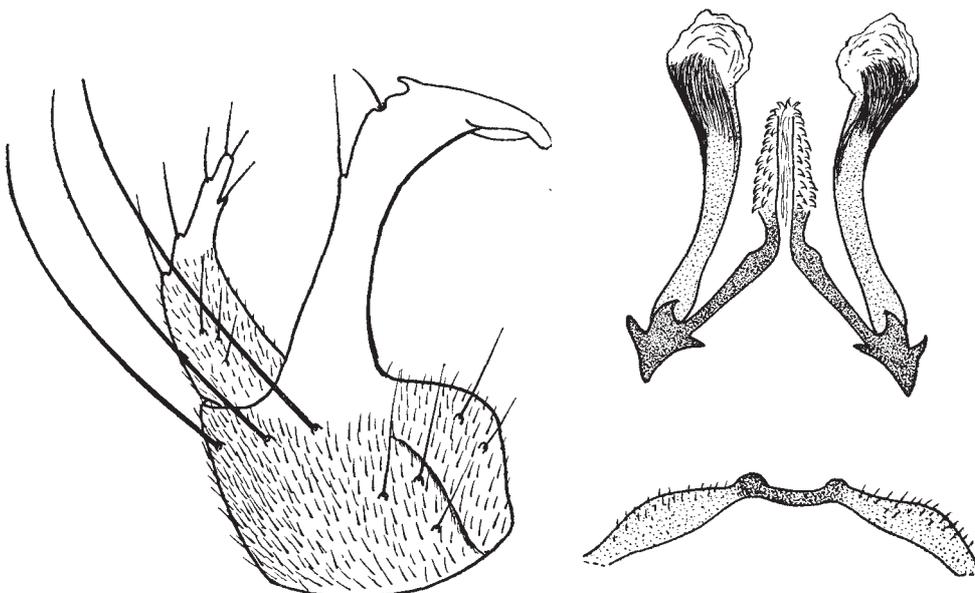


Fig. 2 — Basistilo e dististilo.

Fig. 3 — Mesósoma, décimo esternito e nonotergito.

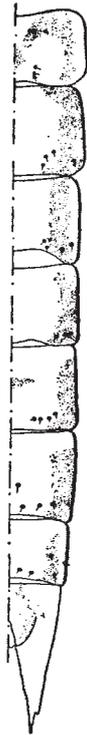


Fig. 4 — Pupa. Segmentos abdominais e palheta (Esquemático).

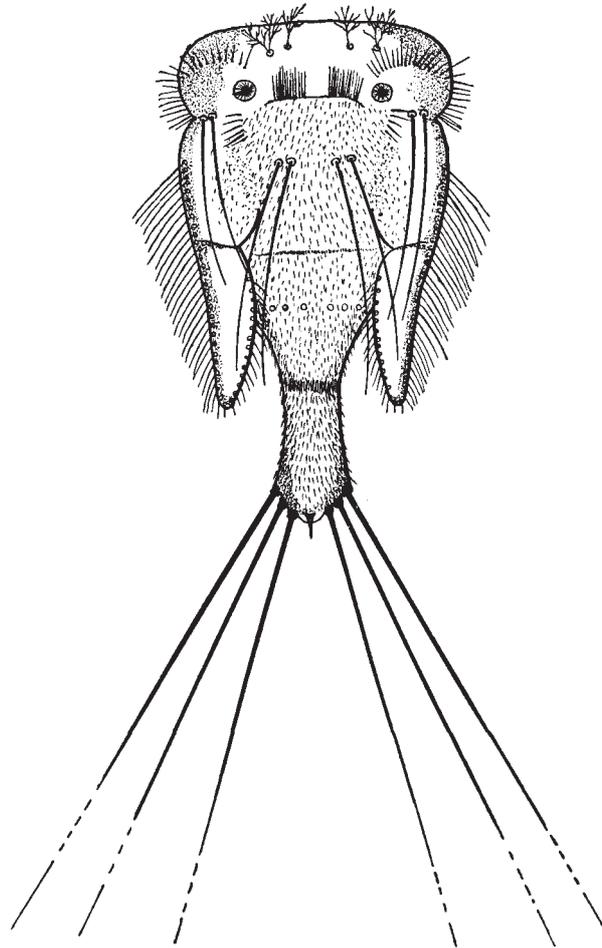


Fig. 5 — Larva. Segmentos terminais do abdômen. As cerdas que terminam em pontilhado são 1,7 vezes mais longas que a ilustração.

TIPOS

Holotipo macho; alótipo fêmea. Ambos com exúvia pupal, o macho também com exúvia larval. Registrados nas coleções do Departamento de Parasitologia e Higiene Rural da Faculdade de Higiene e Saúde Pública sob os ns. 8.094 e 8.095. Dois paratipos. Uma fêmea registrada sob o n. 10.548 e um macho a ser devolvido ao Dr. J. P. Duret, da Argentina.

Localidade tipo — Holótipo e alótipo do BRASIL, Estado de São Paulo, Capital, Campo Experimental da Água Funda (Departamento da Produção Animal), 5-XI-1954 (E. X. Rabello col.); um paratipo fêmea de Taubaté, XII-1948 (Borodin col.) e uma paratipo macho da ARGENTINA, Província de Misiones, Pto. Iguazú, 16-XI-1951 (J. P. Duret col.).

Local de captura — Lagôa ensolarada, um tanto rasa, com água turva, lodo nas margens, rodeada por mata, com esparsa vegetação vertical. As larvas foram capturadas nas proximidades da margem.

OBSERVAÇÕES DE LABORATÓRIO

Levadas ao laboratório pudemos notar que a larva procura sistematicamente a margem dos recipientes com água. Uma vez nessa situação, adere à parede e procura sair do meio líquido até uma pequena distância, mantendo-se em contato com o mesmo apenas pela película superficial. Nessa situação a larva adota a interessante atitude de se dobrar em ângulo agudo com o vértice, correspondendo aproximadamente ao meio do corpo, para cima. Colocamos barro nas paredes internas e fundo do recipiente e verificamos o mesmo comportamento, chegando, neste caso, a observar quase a completa submersão da larva no barro, ficando para fóra apenas o último segmento abdominal. A pupa é pouco móvel e responde lentamente aos estímulos externos. O período pupal foi de quatro dias nas condições de laboratório.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

A espécie acima descrita separa-se das mais afins pelos seguintes caracteres. De *D. atra* pelo disco do mesonoto que nesta espécie é de fundo negro brilhante com margens amareladas, além de outros característicos. De *D. wygodzinskyi* pela ornamentação da asa e marcação da pleura enquanto que de *D. limai*, com a qual mais se aproxima, separa-se pelo lobo pronotal amarelado, a mancha mediana do mesonoto que não mostra separação das manchas pretas e a ausência da mancha diluída no meio da asa além de outros característicos.

NOTA

Tínhamos terminado este trabalho quando verificamos com grande surpresa que existia na coleção enviada pelo Dr. J. P. Duret, um exemplar desta espécie. Tal exemplar foi escolhido como paratipo e é proveniente, como se poderá ver acima, da Província de Misiones na Argentina.